

Meme: análise dos rastros de uma microação discursiva

Meme: analyzing the traces of a discursive micro-action

Patricia Silva¹

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior²

Resumo: *O objetivo deste artigo é descrever o meme como uma das microações discursivas articuladas na mediação da realidade, cujo efeito subjetivo específico é o contágio. Recorremos a uma análise comparativa entre os riscos de fabricar o mundo digital assumidos pelo homo digitalis e os riscos de fabricar o mundo subterrâneo assumidos pelos indivíduos de Fragmentos de uma história futura, obra literária de Gabriel Tarde (20143). Assim, sob a orientação da teoria ator-rede (LATOURE, 2019), defendemos que o meme, longe de ser uma postagem, uma imagem, uma piada ou o remix disso, embora atravessasse tudo isso como uma rede homogênea, é um continente do discurso; é uma resposta da linguagem para um problema referente à criação e manutenção de grupos nas condições sociotécnicas das relações digitais.*

Palavras-chave: *Homo digitalis; meme; modo de existência; produção de subjetividade; teoria ator-rede.*

Abstract: *The aim of this paper is to describe the meme as one of the discursive micro-actions articulated in the mediation of reality, whose specific subjective effect is contagion. We resort to a comparative analysis between the risks of fabricating the digital world assumed by homo digitalis; and the risks of fabricating the underground world assumed by the individuals in Fragments of a Future*

1 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1345-5536>, E-mail: patriciarilrn@gmail.com

2 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, RN, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-8114-4169>. E-mail: orivaldojr@yahoo.com.br

History, a literary work by Gabriel Tarde (2014). Thus, under the guidance of actor-network theory (LATOURE, 2019), we argue that the meme, far from being a post, an image, a joke, or the remix thereof, though it crosses all these as a homogeneous network, is a continent of discourse; it is a language response to a problem concerning the creation and maintenance of groups in the socio-technical conditions of digital relations.

Keywords: *Desinformation; Media literacy; Lateral Reading; Post-truth; WhatsApp.*

Introdução

Não raro, afirma-se que “um meme de internet é um recorte da cultura, tipicamente uma piada, que ganha influência através de sua transmissão on-line” (DAVISON, 2020, p. 144), tal recorte pode ser compartilhado aos milhares e “reproduzido com qualquer programa editor de texto para computador” (CANI, 2019, p. 252), logo, “o *remix* é o processo de construção/elaboração dessa materialidade textual, enquanto o meme acaba sendo o produto acabado, que passa a circular nas redes” (LIMA-NETO, 2020, p. 2257). Mas, que produto é esse? De qual rede se está falando? Defendemos que o meme, longe de ser uma postagem, uma imagem, uma piada ou o *remix* disso, embora faça parte de tudo isso, é, na verdade, um continente do ato de conversar.

O termo meme batizou a invenção de algo que parece ainda não estar muito bem-acabado, algo que se confunde com piadas, brincadeiras, com a própria postagem, com as imagens ou com a opinião, porém, propomos, em vez analisar postagens engraçadas que viralizam nas relações digitais resultantes de associações infinitesimais sempre capazes de subverter classificações, estudar esse fenômeno por meio do seu efeito discursivo. Diante da multidão de agentes que é capaz de mobilizar, o importante é que o efeito do meme é sentido: trata-se do aumento da quantidade social, o nascimento ou alargamento de um grupo. Contudo, essa tecnologia discursiva foi adaptada aos problemas relativos à criação e manutenção de grupos no mundo digital. Esse, bem como quaisquer mundos, depende de ações discursivas³ para existir, à vista disso, partimos da analogia entre os riscos de fabricá-lo assumidos pelo *homo digitalis*⁴ e os riscos de fabricar um mundo subterrâneo assumidos pelos indivíduos de *Fragmentos de uma história futura*, obra literária de Gabriel Tarde (20143).

3 Trata-se de um apelo ao modo de vida prático da linguagem, um regime de enunciação (LATOURET, 2019).

4 O *homo digitalis* é o habitante do mundo digital, diz respeito a indivíduos cujas relações são estranhas a espacialidades, não se reúnem fisicamente. No geral, eles têm um perfil e se esforçam veementemente para otimizá-lo (HAN, 2018).

A analogia é feita com base na necessidade de se reinventar enquanto grupo, isto é, de salvar o social diante de condições adversas. De maneira em parte similar aos indivíduos da obra literária citada, os *homos digitalis* também precisam se reinventar para salvar a vida social no mundo digital, ambos seguindo caminhos opostos, mas, necessariamente, embaralhando os recursos sociotécnicos a fim de garantir a travessia de valores que fazem a manutenção dos grupos. Bruno Latour (2002) explica que as criações sociais sugerem a plenitude de algo pronto, dado, que, teoricamente, explicaria os aspectos residuais das relações entre os indivíduos. Entretanto, esse autor orienta pensar o social seguindo, rigorosamente, o caminho inverso. Sob tal enfoque, partimos da compreensão de que o mundo digital é constituído por cada aspecto residual que se agrega em seu favor, e isso não é uma tarefa fácil, haja vista que ela requer a articulação entre redes, afinal, “um vazamento em um oleoduto obriga o operador a fechar as válvulas, um deslocamento de três metros na área de um *wi-fi* e adeus, a conexão se perde” (LATOURE, 2019, p. 38).

Sem o abrigo de um mundo real, não há como um grupo existir e a teoria ator-rede realça a necessária fabricação desse abrigo destacando que há mais de um tipo de rede seguindo a precedente, dando continuidade, superpondo-se, ademais, o termo rede remete tanto à heterogeneidade dos dispositivos disponíveis⁵ (*smartphones*, cabos, um gato, cavernas) quanto à travessia de serviços ou valores⁶ (discursos), esta última possibilitada impreterivelmente pela primeira. Trata-se de dois tipos diferentes de conectores, os quais são articulados no estabelecimento das condições materiais e artificiais da realidade. Dito isso, defendemos que o meme é uma tecnologia discursiva inerente à necessidade de subsistir enquanto grupo diante das condições do digital, cuja travessia é garantida por associações heterogêneas (rede como

5 Corresponde ao que a teoria ator-rede chama tecnicamente de rede híbrida, a reunião de elementos imprevisíveis, na qual tudo pode se associar com tudo a fim de sustentar um acontecimento social (LATOURE, 2019).

6 Corresponde ao que a teoria ator-rede chama tecnicamente de rede homogênea: um efeito específico articulado na criação e manutenção de um grupo.

processo) e acontece como um serviço ou valor (rede como resultado) caro às associações entre os indivíduos.

Isso implica dizer que a definição do meme depende de sua tonalidade específica, do seu contraste em relação aos demais serviços ou valores a serem realçados no discurso. No entanto, perceber esse contraste é dificultado pelo esforço obsessivo dos modernos para manter bem longe a prática da teoria, o objeto do sujeito. É como se a realidade na qual os modernos vivem dependesse da sua condição plena, não feita: de repente se estar diante da exuberância de um grupo ou acontecimento social pronto, dado. Entretanto, toda atividade humana exige um trabalho intenso que permite a verdade tanto dos fatos quanto do espírito, mediadas, respectivamente, por redes híbridas, que colocam o mundo das coisas em movimento; e pelas redes homogêneas que, por sua vez, colocam os modos de discursos em ação⁷.

Para sublinhar a diferença entre os dois tipos de conectores supracitados, atente-se para a diferença entre o que se desloca e o deslocamento, perceba que “um oleoduto não é mais feito de petróleo do que a internet é feita de *e-mails*” (LATOURE, 2019, p. 38). Sem danos, a palavra *e-mails* pode ser substituída por postagens. E, assim, começamos a falar de um processo que mensura a qualidade das interações entre os indivíduos por meio da forma pela qual um discurso é pronunciado. Para delinear o efeito da ação do meme nesse processo, é preciso fragmentar o discurso até chegar ao que chamamos de falar memeticamente, porque consiste em uma ação que se agrega a outras ações discursivas movidas por crenças e desejos⁸. Portanto, conversar é um processo formado por muitas ações elementares em conjunto, articuladas no esforço de fazer e refazer grupos, no qual o contágio é o efeito do meme.

7 Com a finalidade de realçar justamente a articulação desse movimento e dessa ação, Latour (2002) sugere o termo fe(i)tiche para pensar a fabricação da realidade. Trata-se da junção dos termos fato e fetiche, cujo objetivo é tornar os modernos comparáveis aos “outros” das culturas ditas primitivas.

8 Para Tarde (2003), crenças e desejos são forças da alma e apresentam um caráter quantitativamente variável, iniciando na menor propensão a crer e a desejar até o ápice da certeza e da paixão.

A “catástrofe” do “homo digitalis”

Fazer e refazer grupos no mundo digital corresponde a um desafio coletivo, em parte, similar à experiência vivida pelas vítimas da catástrofe planetária narrada em *Fragments de uma história futura*. Nela, o autor pensa acerca do futuro da humanidade a partir de uma catástrofe que mudou radicalmente a disponibilidade dos dispositivos materiais para a existência humana: a extinção do Sol. Tal adversidade obrigou, em um passado remoto, a todos os indivíduos que desejavam sobreviver, a se reorganizarem na vida subterrânea. Foram forçados a procurar no centro da Terra um lugar para viver, mas, sob a sorte de terem conseguido preservar a maior parte dos conhecimentos produzidos durante a vida na superfície da Terra, encontraram meios que permitiram aperfeiçoar a qualidade das relações sociais, conforme conta o narrador que vive por volta do século XXXI.

Essa ficção científica corresponde a uma experiência mental, na qual, Tarde (2014) expõe suas teorias sociológicas sublinhando que o caráter essencial da vida social

Consiste na *eliminação completa da Natureza viva*, seja animal, seja vegetal, excetuando apenas o homem. Daí, por assim dizer, uma purificação da sociedade. Subtraído dessa maneira a toda influência do meio natural em que estivera até então mergulhado, o meio social pôde revelar-se e desenvolver pela primeira vez sua virtude própria, e o verdadeiro laço social pôde aparecer com toda sua força, em toda sua pureza. Dir-se-ia que o destino quis fazer conosco, para sua própria instrução, colocando-nos em condições tão singulares, uma experiência prolongada de sociologia. (TARDE, 2014, p. 578)

Mas, como imaginar essa experiência? Partindo de uma ideia-mãe, de uma mente imaginativa e eloquente, da capacidade de sedução e perseverança, ou melhor, de uma liderança movida por paixões. O personagem que encarna essa liderança é Milcíades, para quem,

sob a condição de se aprofundarem o suficiente no subsolo, encontrarão uma tepidez deliciosa, uma temperatura elísia; que bastará cavar, alargar, elevar, prolongar mais adiante as galerias de minas já existentes para

torná-las habitáveis e até confortáveis; que a luz elétrica alimentada sem custos pelos focos disseminados do fogo interior, permitirá iluminar magnificamente, noite e dia, essas criptas colossais, esses claustros maravilhosos, indefinidamente prolongados e embelezados pelas sucessivas gerações; que com um bom sistema de ventilação, todo perigo de asfixia ou de insalubridade do ar será evitado; finalmente, que, após um período mais ou menos longo de instalação, a vida civilizada poderá novamente se desenvolver em todo seu luxo intelectual, artístico e mundano, tão livremente, e talvez mais seguramente, do que à luz caprichosa e intermitente do sol. (TARDE, 2014, p. 413)

Milcíades defende a ideia de que a civilização, os poucos sobreviventes, estava destinada a voltar para as cavernas. Mostrando desenhos, cálculos e plantas, ele profere com veemência:

A água nos será fornecida pelo gelo derretido; todos os dias transportaremos blocos enormes para desobstruir os orifícios das criptas e alimentar as fontes públicas, acrescento que a química é capaz de fazer álcool de quase tudo, até de rochas minerais, e que é o bê-a-bá dos licoristas fazer vinho com álcool e água (*Muito bem! em todos os assentos*). Quanto à alimentação, a química não é capaz também de fazer manteiga, albumina, leite com qualquer coisa? Além disso, ela já chegou ao seu auge? Não é provável que em pouco tempo, se ela se aplicar, consiga satisfazer plenamente, e economicamente, os desejos da gastronomia mais exigente? E, enquanto isso... (*uma voz tímida: enquanto isso?*) Enquanto isso, nosso próprio desastre não coloca a nosso alcance, por uma circunstância de certa forma providencial, o frigorífico melhor abastecido, mais abundante, mais inesgotável que a espécie humana jamais teve? Imensas conservas, as mais admiráveis já preparadas até hoje, dormem para nós sob o gelo ou a neve; bilhões de animais domésticos ou selvagens – Não ousou acrescentar: de homens e mulheres... (*arrepio de horror generalizado*) – mas ao menos de bois, ovelhas, aves, congelados de uma só vez, em bloco, aqui e ali, nos mercados públicos, a alguns passos daqui. Reunamos, enquanto esse trabalho exterior é possível ainda, essas inumeráveis viandas que estavam destinadas a alimentar, por anos, centenas e centenas de milhões de homens, e que bastarão para alimentar, por séculos, alguns milhares apenas, mesmo que se multipliquem abusivamente a despeito de Malthus. Empilhadas perto do buraco da caverna principal, serão de

fácil utilização, e de consumo delicioso para nossas ágapes fraternas!... (TARDE, 2014, p. 426)

A proposta de Milcíades consiste em fazer como no mito de Noé, tentar salvar aquilo que se tinha de mais precioso, porém, nas palavras do próprio Milcíades,

Em nossa nova arca, misteriosa, impenetrável, indestrutível, não são plantas e animais que levaremos. Estas vidas estão aniquiladas; estas formas apenas esboçadas, esses tateios heteróclitos da terra em busca de forma humana foram varridos para sempre. Não o lamentemos. No lugar de tantos casais volumosos, de tantas sementes inúteis, levaremos para nosso refúgio o harmonioso feixe de todas as verdades concordantes, de todas as belezas artísticas ou poéticas, solidárias entre si, unidas como irmãs, que o gênio humano fez brotar ao longo das eras e multiplicou a seguir em milhões de exemplares, todos destruídos, salvo um só que devemos garantir contra todo risco de destruição; uma vasta biblioteca contendo todas as obras capitais, enriquecidas de álbuns cinematográficos e de coleções fonográficas inumeráveis; um vasto museu composto de uma espécime de cada escola, de todos os estilos magistrais, em arquitetura, em escultura, em pintura e mesmo em música; eis nossos tesouros, eis nossas sementes, eis nossos deuses, pelos quais lutaremos até o último suspiro! (TARDE, 2014, p. 464)

Movidos e apaixonados pela ideia-mãe, começou-se imediatamente o trabalho de salvamento do conhecimento das coleções de todos os gêneros produzidos até então, a fim de salvar o futuro da civilização.

Com cuidados infinitos, elas foram descidas uma após outra, caixote depois de caixote, às entranhas da terra. Esse resgate do mobiliário humano se faz em ordem: toda a quintessência das antigas grandes bibliotecas de Paris, de Berlim e de Londres, reunidas em Babilônia, e depois abrigadas no deserto com todo o resto, e mesmo de todos os antigos museus, de todas as antigas exposições da indústria e da arte, está condensada ali, com incrementos consideráveis. Manuscritos, livros, bronzes, quadros: quanto esforço, quanta dificuldade, apesar da ajuda das forças intraterrestres, para embalar, transportar e instalar tudo isso! Tudo isso deve, no entanto, ser inútil para aqueles que se entregam a esse trabalho. Eles não o ignoram, sabem-se condenados, provavelmente pelos restos de seus dias, a uma

vida dura e material, para qual sua existência de artistas, de filósofos e de letrados não os preparara. Mas – pela primeira vez – a ideia do dever a cumprir entrou nesses corações, a beleza do sacrifício subjugou esses diletantes. Devotam-se ao desconhecido, ao que ainda não é, à posteridade para a qual se orientam todos os votos de suas almas eletrizantes, como todos os átomos do ferro tendem para o polo. (TARDE, 2014, p. 480-496)

A extinção do Sol implicou, para esses indivíduos, uma situação na qual houve uma simplificação dos meios sociotécnicos disponíveis, contudo, houve, conjuntamente, uma intensificação da intelectualidade, pois a única coisa que se poderia ter a mais do que os outros era o conhecimento. Isso implicou, também, para as gerações futuras, a possibilidade de a atividade estética superar a atividade utilitária e a relação produtor/consumidor ser suprimida pela valorização dos conhecimentos artísticos e científicos. Então, fundamentado na troca de admirações e críticas, nos julgamentos favoráveis e desfavoráveis, esse mundo subterrâneo teve o antigo ideal mudado: não se serve mais uns dos outros, serve-se a si mesmo; não se busca mais o divertimento e a satisfação individual, busca-se produzir para encantar os demais. Em outras palavras, vivendo com o mínimo, puderam produzir o máximo de reflexões e ponderações.

Pelo recurso da imaginação, então, Tarde (2014) versa sobre o que, a seu ver, é a vida social mais pura: “tônicos sociais” dosados pelos apertos de mão, conversas e outras trocas de reflexos.

Trata-se, de certa forma, de saber o que se tornaria o animal social entregue a si mesmo, mas abandonado a si só, provido de todas as aquisições intelectuais acumuladas por um longo passado de gênios humanos, mas privado da ajuda de todos os outros seres vivos, e mesmo de todos esses seres seminovos chamados rios, mares ou astros, e reduzidos às forças domadas mas passivas da natureza química, inorgânica, inanimada, que está separada do homem por um abismo grande demais para exercer sobre ele, socialmente, qualquer ação. Tratava-se de saber o que faria essa humanidade inteiramente humana, obrigada a extrair, se não seus recursos alimentares, ao menos todos os seus prazeres, todas as

suas ocupações, todas suas inspirações criadoras, de seu próprio fundo. (TARDE, 2014, p. 578-591)

Vítimas de uma “catástrofe” planetária de outra ordem, o *homo digitalis* também se arrisca diante da necessidade de rever os valores que devem circular para a manutenção das relações e, como efeito, instaurar um mundo que subsista às novas condições. Mas, ao invés da simplificação sociotécnica, o *homo digitalis* lida com a entrada de novos atores na cena social e com a ampliação dessas redes, mas isso requereu, igualmente, transformações na qualidade das associações. No caso do último, trata-se de saber como o animal social pode sobreviver estando fisicamente distante dos outros indivíduos com quem precisa se agrupar. O mundo digital também foi criado e provido para salvar os conhecimentos acumulados, é um mundo constituído por reflexos e trocas intensas, cuja extensão, porém, esgota o tempo e aumenta as contradições.

A catástrofe tardeana foi a extinção do Sol, contudo, os indivíduos desenvolveram meios para sobreviver que possibilitaram o ganho de tempo para aprimorar os valores e trocas de reflexos; a “catástrofe” do *homo digitalis*, por sua vez, é a extinção do tempo e da aproximação física. Sob outro enfoque, enquanto os indivíduos daquela catástrofe conseguiram salvar os conhecimentos da vida na superfície terrestre e, assim, salvar a civilização humana; os indivíduos da última catástrofe conseguiram realizar um feito ainda maior: disponibilizar amplamente os conhecimentos que foram construídos na vida constituída essencialmente pelo contato físico das pessoas, aprimorar a reprodutibilidade técnica, bem como o alargamento social.

Uma imensa conversação

A condição ontológica do meme significa a existência de um espaço específico a ser preenchido no processo de fabricação da realidade, ou seja, sem essa ação, há um hiato na tarefa de reagregar o social, por isso, é primordial pensar acerca das novas necessidades e possibilidades que

as condições sociotécnicas do mundo digital criam. Ao adentrar esse ambiente, é comum se deparar com postagens que causam impacto porque são absurdas ou impressionantes, conteúdos que causam curiosidades e vontade de marcar um amigo, ler os comentários para saber o que pensam os demais ou verificar quantas pessoas estão curtindo. Quanto a isso, a questão a ser pontuada já de início é que o meme não é uma postagem que veicula uma ideia com a qual as pessoas que compartilham e curtem se identificam, não é uma imagem/vídeo com legenda compartilhada por um determinado público; o meme é, antes de tudo isso, um conteúdo que de alguma forma atende a uma condição de felicidade criada discursivamente. A mediação feita pelo meme até pode ser subestimada por ser tão bem ocultada, sutil e, necessariamente, disfarçada, mas o seu efeito é perfeitamente sentido. Tão atuante na instauração da realidade quanto confuso em suas delimitações, o meme tem mobilizado um esforço classificatório, desde a definição clássica de Richard Dawkins (2007) até as perspectivas mais atreladas à criação de conteúdos e compartilhamento, demonstrando uma preocupação generalizada para estabelecer categorias, bem como, longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia (DAWKINS, 2007); humor, intertextualidade e justaposição anômala (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007); ou conteúdo, forma e postura (SHIFMAN, 2013).

Em Dawkins (2007), o conceito de meme visa afirmar que a evolução cultural acontece de maneira análoga à evolução biológica, por meio de um agente mínimo que pode ser classificado pelos três aspectos supracitados: a longevidade concerne à duração no tempo; a fecundidade corresponde à continuidade por meio de cópias em sucessivos cérebros; e, a fidelidade diz respeito ao nível de semelhança das cópias. Enquanto Michele Knobel e Colin Lankshear (2007), com uma perspectiva diretamente ligada ao mundo digital, apontam três padrões que contribuem para a fecundidade do meme: o humor, variando do peculiar e inusitado ao excêntrico, ao bizarro, às paródias e/ou; uma rica intertextualidade, fazendo referências cruzadas e irônicas

a diferentes eventos, ícones e fenômenos da cultura popular e/ou; e, justaposições anômalas, principalmente de imagens.

Limor Shifman (2013), por sua vez, propõe pensar o meme não como ideias isoladas ou fórmulas que se espalham com facilidade, mas como um grupo de itens de conteúdo criado com consciência mútua e que apresenta características em comum. Com base no conceito de Dawkins (2007), segundo o qual meme é uma unidade de imitação, a autora propõe isolar três dimensões: o conteúdo, referente às ideias e as ideologias veiculadas; a forma, referente à encarnação física da mensagem percebida pelos sentidos; e, a postura, referente à informação que o meme transmite sobre sua própria comunicação.

Essas compreensões estão perdidas em zonas fronteiriças, sentem o efeito do fenômeno que buscam apreender, mas estão presas às armadilhas do pensamento que divide o mundo das coisas e as palavras, o objeto e o sujeito, a exterioridade e a interioridade, matéria e espírito, a prática e a teoria, o fato e o fetiche, ou melhor, são demasiadamente modernas. A questão é que a ação do meme atravessa redes híbridas e cruza com outros valores, mas o seu efeito que lhe caracteriza. Note-se que as postagens normalmente chamadas de meme são muito difíceis de classificar, pois elas podem ser editadas de formas infinitas, além disso, essas edições podem servir a qualquer grupo. Em outros termos, a mesma imagem, a mesma frase ou o mesmo vídeo base de determinada postagem pode, por meio de uma rápida edição, ser usado por grupos político-partidários de esquerda e de direita, por exemplo, igualmente pode ser usado por grupos religiosos católicos, protestantes ou umbandistas, sem nada disso comprometer o ato de falar memeticamente. Em suma, não existe meme de esquerda ou de direita, por exemplo, uma vez que a verdade do meme precede o grupo em si, ela não serve a uma opinião específica, porque seu compromisso não é com o que se diz, mas, sim, com o como se diz.

Para esclarecer essa afirmação, é conveniente desfazer a noção comum que confunde meme com postagem. Essa consiste, basicamente, em estabelecer uma conversação com pessoas fisicamente distantes,

ARTIGO

logo, a formação de grupos exige uma coesão inteiramente mental, exatamente o que Tarde (2005) denominou de público, ou seja, um tipo de agrupamento humano cuja crescente importância advém da invenção da imprensa. Como um presente aos pesquisadores do futuro, ele versou sobre a força do público, sobre as maneiras de sentir e de agir de um tipo de agregado social que não necessita, essencialmente, da aproximação dos corpos, que, ao se abrigar no mundo digital, encontrou o ambiente adequado à sua natureza, e a postagem é a sua forma de se pronunciar por excelência.

No entanto, esse mundo ainda requer adaptações e experimentações relativas à transformação na qualidade das associações, afinal, o detalhe nada sutil dele consiste no fato de que reagregar o social exige mais sofisticação dos valores discursivos para se delimitar, mediar interesses e lidar com as novas e pequenas lacunas, soluções e falhas na realidade. Finalmente, pode-se afirmar, em diálogo com Tarde (2005) e com Latour (2019), que instaurar a realidade social é basicamente conversar. Logo, o mundo digital é uma imensa conversação, de extensão e velocidade sem precedentes, embora ainda se esteja aprendendo a conversar e, por revés, o tempo não é um recurso em abundância como foi na tragédia tardeana. Os grupos necessitam de muito mais esforço para serem feitos e refeitos e, não tendo algo tão valioso como o tempo, coloca-se um problema: como saber quais são os elos que unem pessoas distantes fisicamente, como avisá-las que estão vinculadas e evidenciar os interesses comuns que possuem?

O hiato

Uma vez que a rede híbrida esteja com a manutenção em dia (celular, internet, imagens), importa pensar a articulação dos mecanismos responsáveis por manter o grupo vivo, sendo, precisamente, no efeito do como se diz que reside a trajetória da ação discursiva e que se deve avaliar a qualidade da conexão: onde existir um hiato, existe também uma articulação; onde pudermos definir antecedentes e consequentes, implica existência de sentido. Porém, a fixação dos modernos pela ideia

de informação perfeita e pura, oculta o fato de que “os mediadores são a própria razão, o único meio de subsistir no ser” (LATOURE, 2019, p. 133). Essa visão negativa que se tem das mediações coloca a noção de construção em oposição à noção de verdade, mesmo as mediações sendo as únicas capazes de manter a continuidade das redes. O pensamento moderno sempre procura apontar por trás das instituições do verdadeiro, do belo, do bem, do todo, à multiplicidade de manipulações duvidosas, de traduções, de metáforas, isto é, de transformações que invalidam seu valor, como se existisse uma substância que permanece sem transformação, já dada e por isso mesmo verdadeira e pura (LATOURE, 2019).

Na medida em que se comprometeu com a impossível tarefa de esconder as mediações, a linguagem dos modernos assumiu a missão de ocultar os vestígios da prática, operando uma sutura entre a teoria e a prática. Por causa disso, eles vivem sempre nas ruínas, “aquelas que acabaram de derrubar, aquelas que erigiram no lugar do que derrubaram e que outros, pelas mesmas razões, estão se preparando para derrubar” (LATOURE, 2019, p. 43-44). No mundo digital (e sim, real), o fe(i)tiche primordial consta em garantir os vínculos para a formação de grupos entre indivíduos corporalmente separados, em função disso, as vítimas da escassez do tempo desenvolvem técnicas a fim de medir a temperatura dos interesses apaixonados, ou melhor, medir a coesão dos espíritos que não se veem necessariamente, não vibram olhando no olho.

Os interesses apaixonados garantem os vínculos de qualquer grupo, em qualquer mundo construído para ser habitado por humanos. Contudo, nas circunstâncias do digital, descobrir que se gosta das mesmas coisas, que se admira o mesmo líder, que se concorda com as mesmas ideias requer atualizar os valores, os modos de se alterar, os fe(i)tiches, em suma, o modo de falar. Essa distância física dos indivíduos que impede de transmitir o magnetismo, a penetração do olhar diretamente, impede de se contagiar pela aproximação física, delimita o hiato na realidade a ser preenchido pela microação do meme. A partir da teoria do contágio de Tarde (2005), a viva curiosidade dos indivíduos está presa à ilusão

inconsciente de que seus sentimentos são comuns a muitos espíritos⁹, bem como a falta de interesse é súbita ao notar que é o único ali. Tal disposição incube a instauração de seres habilidosos, capazes de auxiliar no preenchimento do hiato que surge no processo de formação de grupos nos ambientes digitais.

Se for realmente desejável se organizar nesse mundo e povoá-lo, é imperioso se adaptar ao hiato aberto pelas suas condições sociotécnicas. Ademais, como o objeto não é nem encantado nem causa, é imprescindível acionar seres fe(i)tiches, seres ligeiramente autônomos, que superem seus criadores até certo ponto, e, dessa maneira, os possuam. Dessa forma, o ato de falar memeticamente fabricar os seus próprios seres ligados ao prestígio¹⁰, para que se articulem, tramem junto no árduo trabalho de manter um grupo vivo no digital, são eles os medidores da temperatura dos interesses em comum: chamados de curtidas, emojis, *reposts*, comentários favoráveis.

Meme: “temos interesses em comum, estamos vinculados!”

A ação do meme possui seu próprio hiato para se arriscar a dar conta na árdua tarefa de fabricar o real: não saber a temperatura dos interesses apaixonados. Pois empreender e fazer interessar crenças e desejos no mundo digital requisita a adaptação do contágio à distância física e à tragédia da falta de tempo. Então, se, como afirma Latour (2019), o interesse apaixonado é um mediador por excelência que sobrevém entre duas entidades que não sabiam, antes desse interesse surgir, que estavam vinculadas uma à outra, o meme é uma espécie de mensageiro do mundo digital, enviado para avisar: “temos interesses em comum, estamos vinculados!”.

A mensagem, no entanto, não conta mais com o timbre da voz, com a penetração do olhar, com os passes magnéticos dos gestos; e as

9 Se muitos indivíduos estão possuídos pelo mesmo sentimento, esses indivíduos estão na iminência de constituir um grupo.

10 Talvez seja mais adequado ao invés de “seres” pensar em um “estar sendo”.

adaptações de tais aspectos estão intimamente relacionadas à escolha do registro (imagem, frase, áudio, vídeo) oportuno, pois, como já foi apontado, o meme acontece muito menos quando alguém se identifica com as crenças e desejos veiculados em uma postagem qualquer na qual se falou memeticamente, do que quando conseguiu convidar, mediar uma sensação de pertencimento, para avisar: “você é o destinatário dessa mensagem, porque temos interesses em comum. Avise aos demais!” A sutileza que camufla essa ação consiste no fato de que, quando a mensagem chega ao destinatário, a ação específica do meme cessa, transforma-se em uma imagem congelada, em reprodução. Isso significa dizer que não se trata de “o que é o meme”, mas, sim, de “quando é o meme”.

O meme está sendo quando um lapso de negatividade ou um parar interrompe o fluxo da positividade do mundo digital, e esse lapso é oportuno em meio ao que Byung Chul-Han (2017) chama de tirania da visibilidade, porque reduz o que se pretende falar a uma dimensão vazia de sentido, a partir da qual se podem criar novos sentidos; e o meme continua sendo enquanto a fala vai garantindo a certeza do vínculo. Ao começar a circular como postagens criadas com a intenção de servir a opinião de um grupo ou a um pensamento particular, o registro que se repete é congelado pelo *repost*, pelo postar inúmeras vezes, pelo ecoar em várias plataformas digitais. Para ser breve, uma vez que a continuidade do registro consiste na sua capacidade de trair qualquer ideia-sugestão proferida, não é o meme que serve ao grupo, são os grupos que servem aos deuses fe(i)tiches do meme (curtidas, *resposts*, comentários favoráveis), como uma espécie de culto para, assim, manterem-se vivos.

Ainda é preciso aludir a astúcia inerente ao meme, usada não necessariamente para encantar os demais, como fizeram os indivíduos em *Fragments de uma história futura*, mas para iniciar uma conversação e alterar o outro, ou, para contagiar e ganhar quantidade social. Igualmente aos indivíduos dessa tragédia, o *homo digitalis* precisa, diante de sua própria tragédia, “macaquear-se mutuamente, e, por meio de macaquices acumuladas, diferentemente combinadas, fabrica-se

uma originalidade: eis o principal” (TARDE, 2014, p. 609). Todavia, este artigo se dedica apenas aos rastros deixados pelo meme: um hiato na realidade, os seres fe(i)tiches instaurados para auxiliar na criação de algo que ultrapasse os indivíduos e, por fim, na condição de felicidade dessa ação: oferecer uma via de crenças e desejos a ser imitada.

A condição ontológica do meme¹¹ vem antes dessa condição de felicidade ser atingida, porque o grupo ou a opinião resultante dela não pode ser tomada como pronta. Então, o que interessa (a trajetória que constitui a condição ontológica do meme) é o acontecendo, porque o meme é social, é um movimento constituído por todos os atores envolvidos na sua *performance*. A sua trajetória leva a mensagem oculta do contágio, mas também reflete a perturbadora instabilidade que um grupo precisa enfrentar para existir no mundo digital. O *homo digitalis* até conseguiu, bem como os sobreviventes da extinção do Sol, levar o conhecimento produzido, contudo, longe de ter tempo para usufruir desse conhecimento e aprimorar as conversações, acumulou tantas informações, contradições e conflitos, que, para garantir a possibilidade de vida social, depende, muito mais que qualquer outro povo, de invocar seres capazes de influenciar.

As transformações nas condições que guarnecem o social requisitam a trama e a germinação de um trabalho de adequação para mediar a realidade; e, mundo digital, por algum tipo de intuição longínqua, esse trabalho foi chamado de meme, “porque é engraçado”, “porque é bobo”, “porque é uma brincadeira”, “porque é repetitivo”, porém, é engraçado, bobo, brincadeira e repetitivo porque é uma regressão profunda às condições elementares do social¹². Tal regressão é arbitrariamente necessária diante de tragédias que comprometem a articulação das redes híbridas, seja porque o Sol se extinguiu, seja porque o tempo e a aproximação física se extinguiram, é preciso atualizar os valores sociais, bem como o modo de conversar.

11 A condição ontológica do meme será desenvolvida em outra oportunidade, este artigo foca apenas nos rastros dessa ação.

12 Tarde (2011) define três categorias como condições elementares do social: a imitação, a oposição ou conflito e a adaptação.

Na extinção do Sol, os indivíduos que viveram essa tragédia precisam, desesperadamente, salvar as articulações das redes híbridas; na extinção do tempo e da aproximação física, os indivíduos precisam, desesperadamente, garantir que se possa imitar, opor-se e se adaptar, ou seja, conversar. Nela, o meme não é uma tecnologia que surge do nada, ela remonta a experiência do contágio por contato físico, e não se confunde com o contágio das relações face a face nem com outras tecnologias discursivas, porque possui um hiato próprio, seres fe(i)tiches, uma condição de felicidade e um efeito específico. Sua trajetória é cercada pelo conflito, não tem como fugir dele, assim, precisa aprender a lidar com ele para conseguir oferecer uma via de imitação. Falar memeticamente é, em resumo, um desafio: “vamos conseguir ficar juntos nesse mundo?” O meme é uma das ações de manutenção da realidade social, cujo efeito nas relações entre os indivíduos é crucial para reagregar o social nas circunstâncias hostis da distância física e da escassez de tempo. Corresponde a uma ação restauradora ou, se preferir, a um discurso restaurador, sua dimensão prática é ocultada, mas, ainda assim, seu remendo específico é sentido, porque ele preenche algum espaço da quebra entre teoria e prática, sujeito e objeto, mesmo que esteja confuso em meio a heterogeneidade dos elementos que se associam em seu favor. Em síntese, os modernos criam linguagens fe(i)tiches capazes de fabricar “um estar sendo” qualquer (um acontecimento) que passa da fabricação à ação, tais como divindades, feitos, obras etc., que os ajudam na instauração das condições artificiais de existências (LATOURETTE, 2002). E o meme é uma dessas linguagens fe(i)tiches, que antecedem a formação de indivíduos, grupos, instituições ou identidades.

Considerações finais

Segundo Tarde (2000), qualquer criação parte de uma memória, a criação da técnica discursiva do meme parte da memória inerente à capacidade dos grupos sociais humanos de garantirem a continuidade dos seus conjuntos de ideias, essencialmente, pelo contato físico. Dadas às novas condições sociotécnicas no mundo digital, para existirem, os

grupos necessitam garantir a continuidade dos seus conjuntos de ideias à distância, não dá mais para usar as técnicas expressivas do face a face, cujo efeito é a imitação de crenças e desejos ou certo nível de coesão psíquica. Além da distância física, a existência dos grupos não tem muito tempo para se fazerem e refazerem, sua consistência processual é mais frágil ainda, porque troca-se qualidade “interna” por qualidade “externa”, vínculos longevos por vínculos fugazes, em benefício da rápida emergência e alargamento dos grupos.

A continuidade dos conjuntos de ideias é composta, na verdade, por uma série imensurável de ideias menores, distintas e descontínuas. Para que essas ideias menores sejam agregadas, é imprescindível um trabalho de mediação, e o meme faz parte desse trabalho. De maneira geral, este artigo afirma que o meme é um tipo de conector, um modo de alterar, cuja trajetória será desenvolvida em outra oportunidade.

Referências

- CANI, J. B. Multimodalidade e efeitos de sentido no gênero meme. *Periferia: Educação, Cultura & Comunicação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 242-267, jul. 2019.
- DAVISON, P. A linguagem dos memes da internet (dez anos depois). In: CHAGAS, V. (org.). *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Tradução de Viktor Chagas. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 139-155.
- DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Tradução Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HAN, B-C. *No Enxame: perspectivas do digital*. Tradução Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HAN, B-C. *Sociedade da transparência*. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. Online memes, affinities, and cultural production. In: KNOBEL, M. (org.). *A new literacies sampler*. 29. ed. New York: Peter Lang, 2007. p. 199-227.
- LIMA-NETO, V. Meme é gênero? Questionamento sobre o estatuto genérico do meme. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 3, n. 59, p. 2246-2277, 22 nov. 2020.
- LATOURET, B. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Tradução Sandra Moreira. Bauru: EDUSC, 2002.
- LATOURET, B. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*. Tradução Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- LATOURET, B. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede*. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

SHIFMAN, L. Memes in a Digital World: Reconciling with a Conceptual Troublemaker. *Journal of Computer-Mediated Communication*, State College, v. 18, n. 3, p. 362-377, abr. 2013.

TARDE, G. *Monadologia e sociologia*. Tradução Tiago Seixas Themudo. Petrópolis: Vozes, 2003.

TARDE, G. *As leis sociais: um esboço de sociologia*. Tradução Francisco Traverso Fuchs. Niterói: Eduff, 2011.

Sobre os autores

Patricia Rilliane Gomes da Silva - Doutorado (2023), mestrado (2019) e graduação (2016) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisadora do Marginália: grupo de estudos transdisciplinares em comunicação e cultura. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4369219617878799>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1345-5536>

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior - Professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desde 2019. Bolsa CAPES Pós-doutorado (2014-2015) na Università Degli Studi di Padova, Itália. Doutorado em Ciências Sociais (PUC-SP), com bolsa CAPES sanduíche na Drew Univesity, NJ, EUA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7945742180527825>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8114-4169>

Data de submissão: 03/06/2023

Data de aceite: 14/07/2023